
TEMPO DE OPÇÃO

J. Lopes Alves

TEMPO DE OPÇÃO

1

A *instabilidade agressiva* que hoje se verifica, quer no âmbito interno, quer no relacionamento externo, em grande parte dos países do Globo, desde o Ártico ao Antártico, desde a Ásia do Sudoeste e Arquipélago Malaio aos seus antípodas dos arquipélagos do Pacífico, desde a Península da Escandinávia às ilhas Malvinas, não esquecendo também os eternos problemas dos Próximo e Médio Oriente e das Áfricas Setentrional, Central e Meridional e a desarmonica vida nas Repúblicas das Américas Central e do Sul, esta ainda impregnada ou mais ou menos influenciada pela oligarquias familiares decorrentes da sua antiga colonização, que remanesceram para além da sua independência na primeira metade do século XIX, essa instabilidade, dizia, apareceu, firmou-se e vai continuar.

Consciente ou inconscientemente, agindo por iniciativa própria ou de terceiros que o empurram, moldam ou, de qualquer modo, utilizam, o Homem isolado ou em grupo é chamado a participar nessa situação e nas suas manifestações, constituindo-se então, em alternância ou paralelamente a limitadas áreas de Paz, de tolerância, de boa vizinhança, de entendimento, de amizade e de actividades em comum, largos aerópagos de verdadeira loucura, de indisciplina, de violência, de traições e de mentiras em que a lei do mais forte ou do mais impudente e atrevido se impõe e se projecta, envolvendo os outros na teia dos seus desígnios ou marcando-lhes simplesmente uma orientação, um destino, para mais tarde os dominar.

Num plano mais vasto, no dos Estados, agrupamentos internacionais, blocos ou alianças, onde se tomam e trabalham as decisões mais importantes, procurando acompanhar a evolução da situação, assiste-se no dia-a-dia a uma caminhada entre duas alternativas dominantes que por vezes se confundem:

- *Radicalização* entre posições antagónicas baseadas na força;
- *Entendimento pacífico*, mas em que a base principal de apoio de cada um dos opositores leva a considerar ser *entendimento armado*.

É este o quadro geral em que hoje decorre a vida da Humanidade e cuja análise mais profunda, inteiramente possível, forneceria sem dúvida outros aspectos activos ou passivos de caracterização ainda que no âmbito do mesmo quadro.

Todavia, apesar do tom cinzento escuro desta espécie de pano de fundo que se alarga à generalidade da superfície do Globo, áreas haverá certamente em que a incidência dos factores negativos apontados e a sua perniciosa projecção será mais pronunciada do que noutras também a eles sujeitas.

*

* *

No âmago deste conjunto de apreensiva constatação em que se movimentam e pesam muitos elementos e factores interdependentes de todos os domínios, destaca-se uma *massa social aglutinadora* cujos componentes, pela sua formação, educação e comportamento, são os factores de todas as agressões e desentendimentos, a eles se entregando com o exacerbado espírito de agressividade que em todas essas manifestações se adivinha.

Criou-se, deste modo, nas últimas décadas, como que um novo Mundo, uma estrutura humana com mentalidade diferente da que anteriormente persistia e à qual a Sociedade se habituou. Assim o proclama G. Sanguinetti no seu livro «Do Terrorismo e do Estado», recentemente publicado em Portugal, expressando uma visão muito preocupante do destino da Humanidade em que o porvir surge construído pela violência e com a animosidade mais determinada de forma a «procurar antes mudar a ordem social do que os nossos desejos».

Não apenas «maldizer este mundo como tem sucedido até agora»; há que, completando o princípio hegeliano de que «trabalhar significa aniquilar o mundo ou maldizê-lo», tratar agora de o aniquilar sem dó nem piedade, mais que anarquicamente, ferozmente, numa guerra social implacável que verdadeiramente já começou — assim conclui Sanguinetti.

As *forças ocultas* do Globo, de que aquele autor é um dos muitos arautos que a actual Sociedade produziu, vão, porém, ainda mais longe: elas propalam que tudo está já em destruição acelerada e agem como tal, tanto no domínio da difusão das ideias como no da sua concretização possível. A sua consciência desta situação, que rotulam de progressivo apodrecimento,

faz-lhes esquecer o dia de hoje e também os de amanhã que já não lhes interessam.

E aqueles que, por dever pessoal ou das Instituições em que se inserem, deveriam opor-se-lhes hesitam e até por vezes lhes prestam calculada e valiosa colaboração, seguindo afinal a mesma linha de governos que «governam mas muitas vezes não mandam», que não têm ou não exercem plena autoridade e que poderão perder efectivamente a que ainda lhes reste.

Proclama-se nestes tempos e trabalha-se acerrimamente de todos os lados a realização do «Nada».

*

* *

Chegados a este ponto põe-se a todos nós, bem intencionados, pacíficos, incautos, ingénuos ou timoratos, a questão de saber o que é este «Nada» e como será constituído o vácuo a que se pretende então chegar utilizando o ódio e a destruição até ao seu grau mais elevado.

Porém, ninguém sabe nem parece desejar saber. A hora presente para tais componentes da Sociedade visa apenas o aniquilamento e a preparação desse aniquilamento. Fazer planos e prever esquemas construtivos significaria conservar — um dos deveres dos Estados; mas não se pretende conservar e, muito menos, garantir a segurança da comunidade — outro dos deveres fundamentais dos Estados.

Nada de esquemas e de planos seja para o que for e a que título for. Há apenas que criar ou adensar a instabilidade e o medo, há que aniquilar, destruir as coisas e os homens e, principalmente, alguns Homens.

2

Considerando que nos últimos sessenta anos foram as *doutrinas marxistas-leninistas*, após a «praxis» verificada na Rússia Czarista e, posteriormente, em outros países do Globo, o factor modelador que maior influência teve na estruturação política, ideológica e militar do Mundo actual, pode também perguntar-se se é das mesmas doutrinas que decorre a situação em causa ou se, pelo menos, a tem influenciado.

A resposta quanto à primeira parte desta questão pode ser negativa. Quanto à segunda parte não pode nem deve esquecer-se o considerável peso que o marxismo-leninismo tem tido sobre todos os movimentos mais ou menos

pacifistas ou belicistas que se têm registado, pelo que se deve aceitar a justa afirmativa.

Na realidade, isto ainda quanto ao primeiro aspecto, já não é reconhecida validade ou inteira validade às ideias de Marx e de outros pensadores anteriores e posteriores orientados pela mesma ideologia. Além disso, é considerado de limitada projecção fazer uma Revolução ou, então, uma Subversão para simplesmente modificar a ordem social estabelecida ou conquistar o Poder.

Independentemente da aceitabilidade ou não do contexto da ideologia e de serem bons ou maus os resultados da sua aplicação, a única finalidade que os actuais arautos admitem para os tempos próximos é a de *destruição-anulação* ou *destruição-aniquilamento*, embora se empenhem também nos fins igualitários da Sociedade do futuro e na desnecessidade do Estado. O Homem, segundo eles, regressará um dia às suas origens e viverá livremente, como desejar, numa Sociedade nova sem as contradições da actual.

Todavia — e voltamos ao tema anterior do desenvolvimento do «Nada» — não sabem nem lhes interessa saber de momento que tipo de conjunto será ou representará essa denominada nova Sociedade. E falam nas grandes contradições em que os países têm vivido, em especial a partir da II Guerra Mundial, que os torna nitidamente carentes dessa situação — afinal indefinida — a conquistar e a fazer progredir, sem Estados, sem Nações, sem Pátrias, sem Comunidades, sem Famílias, sem grandes nem pequenas potências.

3

No aproveitamento das teorias e práticas da Subversão que se detecta, o terrorismo, a sabotagem e até a guerrilha constituem, no entanto, acções presentes na linha de comportamento a que vimos assistindo.

O primeiro, fundamentalmente, tem produzido por toda a parte estrepitosas manifestações, muitas delas banhadas em sangue, sem atender em regra a países ou a fronteiras. Fugindo dos parâmetros classificativos que as escolas e as instituições de segurança costumam atribuir-lhe, tem feito valer o peso de uma prática generalizada que incomoda, fere e, conseqüentemente, desestabiliza.

De facto, o *terrorismo* engloba-se e destaca-se no panorama global que foi apresentado e em todas as suas facetas conhecidas, afectando material

e psicologicamente todos os homens, toda a Humanidade inquieta e desde sempre preocupada. Geram-se por seu intermédio clamorosas oposições, lançando grupos contra grupos, Estados contra Estados e também indivíduos contra indivíduos, numa acção indirecta mais temerosa do que qualquer acção directa bem determinada e conhecida.

E a par dele surge naturalmente o *antiterrorismo*, que é também terrorismo, não sendo mesmo algumas vezes fácil definir com relativa precisão o limite separador das respectivas acções e muito menos caracterizá-lo. O que verdadeiramente se pode afirmar com segurança neste domínio é a existência de hostilidade entre grupos ou agentes que se batem na sombra e da proclamação directa ou indirecta das respectivas motivações que os levam a guerrear-se e a atingir tanto cidadãos pacíficos como litigantes.

O antiterrorismo surge, portanto, como mais uma atitude necessária a juntar ao embróglio estabelecido, adensando por vezes o espírito de insegurança que existe entre os cidadãos, pelo menos entre grande parte dos cidadãos, e principalmente pelos que se encontram subordinados a governos que não exercem adequadamente os direitos e as prerrogativas que a sua nomeação lhes concedeu ou que, se o fazem, se comportam de forma pouco convincente e eficaz, fornecendo aos espíritos demagógicos e anárquicos mais um fôlego e uma justificação.

De resto, pouco ou nada há a esperar das organizações em que os governos se apoiam, que deviam executar com prontidão e espírito de missão as suas directivas, quando elas enfermam das mesmas contradições e dos mesmos males que as que fomentam a instabilidade e o desassossego. Não deve esquecer-se que terroristas e antiterroristas, cidadãos comuns e autoridades de todos os escalões são originários do mesmo bloco uniforme, indefeso e penetrado, e que a educação, a preparação e a mentalização dos últimos se não tem mostrado, de um modo geral, suficiente para garantir o desempenho das missões e das tarefas que naturalmente têm de exercer em prol da Sociedade que lhes compete servir.

Também é muito importante, neste domínio, considerar se estão completamente esclarecidas as missões e as tarefas referidas e, igualmente, se serão bem conhecidas as características pessoais indispensáveis a quem devam ser atribuídas.

A insegurança de que estamos rodeados por toda a parte e em todos os sectores de actividade dos Estados, como permanentemente se detecta, não permite responder com garantia a tão pertinente e determinante questão.

No entanto pode avançar-se, perfilhando a negativa, uma aproximação: perdeu-se na generalidade a Fé, esqueceu-se o Amor do próximo e esbatem-se consecutivamente os últimos raios de Esperança numa convivência feliz local e universal. Serão, deste modo, sempre algo incertos os esclarecimentos conseguidos e os resultados da sua realização.

4

Não se apresentam, portanto, risonhas as perspectivas actuais de evolução do Mundo para um período de autêntica Paz, de respeito mútuo e de geral prosperidade por que se anseia neste segundo semestre de mil novecentos e oitenta e três — e sê-lo-ão menos, por certo, em tempos próximos. Muito pelo contrário, será de esperar que a situação de inquietação global desenhada se acentue ainda pelo avolumar dos factores negativos que a vêm caracterizando e pelo aparecimento de outros que o seu arrastamento natural e a sua continuidade certamente determinarão.

Porém, a extensão verificada, no tempo e no espaço, dos parâmetros da situação apontados, torna mesmo assim difícil a obtenção imediata de uma *conclusão concreta* sobre os aspectos de evolução previsíveis e confirmar a partir dela as hipóteses capazes e verosímeis. Mas será certo, sem dúvida, que, quando a latente tragédia extravasar, todo o Mundo assistirá ao seu empolamento sucessivo por meridianos e paralelos e sobre todas as fronteiras físicas, políticas, demográficas, económicas e militares.

O Mundo assistirá e terá de intervir de facto, mais ou menos activo, nesse empolamento.

*

* * *

Ora, será para essa intervenção obrigatória, e no momento preciso, que terá de se *optar*; será o momento de *expressar realmente uma opinião e de definir uma posição*.

Opção que tem de ser séria, sem subterfúgios, em que cada país e cada Estado terão de decidir com a oportunidade precisa sobre o grupo social em que desejam bater-se, qual o caminho a seguir e, portanto, quais os sistemas de entendimento, de cultura e de ligação que no futuro pretendem trilhar; opção certamente definitiva, a marcar um rumo duradouro, para

além da qual não poderá depois ser fácil ou mesmo viável buscar nova orientação; opção que não admitirá tibiezas, jogos em segundas posições e com modalidades de acção cautelares a utilizar conforme a evolução dos acontecimentos, nem tão-pouco adiamentos ou adaptações, deixando escoar paulatinamente os tempos para depois fazer um encosto fácil ao partido que se sagrar vencedor.

A verdade ou a mentira por que os dois grupos então se baterem não permitirá nem aceitará jamais protelações. Ao empenhamento afoito e generoso de tantos não poderá deixar de corresponder uma atitude igualmente válida, séria e honesta de todos os outros, sejam quais forem a ideologia e as características próprias da sua luta.

Esta opção necessária constitui, portanto, um imperioso dever — e também um direito. Todos os países, grandes e pequenos, terão de ter e de fazer ouvir claramente e com firmeza a sua voz, sendo a resultante final dessa atitude individual, de cada Estado, do interesse de todos adentro do agrupamento escolhido.

Todavia, não será demais salientá-lo, terão de ser compreendidas em termos de inteira igualdade, em cada conjunto assim estabelecido, as condições de relacionamento e de responsabilização dos diferentes Estados e Nações, isto é, à aceitação franca e clara, pelos mais pequenos, de via comum a seguir, à sua opção, deverá corresponder uma participação do mesmo modo franca e aberta, em meios e sistemas, dos países mais poderosos.

5

Consequentemente, estarão no seu melhor grau de lucidez os Homens e os Estados que admitirem que a situação descrita poderá ceder um dia, uma vez confrontados sem tolerância nem medo — basta por uma das partes —, as razões opostas dos grupos que se hostilizam, e originar o desencadeamento de uma explosão que poderá não ser mais controlável.

Esta ponderada atitude desses Homens e desses Estados terá de exprimir, está bem de ver, uma concretização, ou seja, a prevenção e a preparação da opção cuja necessidade há-de fatalmente chegar um dia se não se desejar, não se for capaz ou não for politicamente aconselhável assumi-la em tempo prévio, fazendo parte do escalão da vanguarda.

Há porém, é evidente, um maior risco na assunção avançada de uma posição definitiva, como deverá ser, se os estudos da situação em que se

pense fundamentá-la não contiverem elementos de informação suficientemente correctos e em número adequado. Como decorre na Tática em relação ao momento preciso em que parece aconselhável o lançamento de um contra-ataque, face a uma penetração do adversário, há também, neste caso dos domínios político e estratégico, que procurar determinar o momento psicológico em que, perante a evolução dos acontecimentos, convém agir, destacando-se os Estados então afoitamente do bloco dos estáticos e dos indecisos.

É, portanto, operação delicada e grave a determinação desse tempo precioso de decisão, do momento da situação política na área de interesse para além do qual, julga-se, há vantagem em definir a opção e proceder de pronto à sua manifestação. Pesam nela todos os condicionamentos da vida dos Estados e vai marcar-se certamente o respectivo destino.

No entanto, temos de estar sempre cientes, o estudo, a previsão e a decisão, e mais tarde o controlo e a conduta, são apanágio do próprio Poder, não se podendo nem devendo aceitá-lo ou compreendê-lo sem exhibir, e convictamente, estas características qualificadoras.

*

* *

E um pouco à margem do contexto destas considerações, para finalizar, uma última questão poderá surgir:

Resultará a Paz no Mundo após a expressão de todas as opções e da execução das suas finalidades?...

Ainda que não inteiramente expurgada de todas as suas contradições e oposições, globais ou regionais, que influenciam o equilíbrio necessário, talvez que ela se verifique, mas apenas por algumas gerações. Pois ensina-nos a História, desde os primeiros tempos, que nada é eterno e que a Paz e a Guerra têm sido alternantes permanentes.

17 de Dezembro de 1983.

J. Lopes Alves
General